

## BENEDITO NUNES: COSMOPOLITISMO E CONSCIÊNCIA LOCAL.

Décio de Alencar Guzmán.  
decioguz@ufpa.br

Para  
Maria Sylvia Nunes.

### I

Em prefácio ao livro *“A chave do poético”*, Leyla Perrone-Moisés afirmava categoricamente: *“Benedito Nunes é o menos provinciano de nossos intelectuais. Ele não apenas olha para o Brasil como um todo, mas pensa a literatura e a crítica em termos nacionais e internacionais”*<sup>1</sup>. Ele olha o Brasil e o mundo como um todo a partir da Amazônia, sem, contudo, guardar uma visada estritamente localista. Mas em quê se constitui este cosmopolitismo, “pensando, escrevendo e ensinando à beira da floresta”? Eis uma proposição aparentemente contraditória, que, como veremos adiante, forma o todo da personalidade intelectual do crítico-filósofo sobre o qual fala este breve artigo. A referência a este par contrastante do cosmopolita-localista pode trazer proveito ao nosso entendimento da personalidade multifacetada, *“multímota”*<sup>2</sup>, de Benedito, apesar do inevitável parto da figura grotesca, feita de oposições. As posturas cosmopolita e localista certamente possuem maiores nuances. É destas nuances que se tratará aqui.

Foi Benedito Nunes quem avançou uma resposta ao problema quando argumentou sobre as perguntas de um jornalista em 2007:

— *“O senhor teve muitas oportunidades para viver longe de Belém, mas sempre voltou para cá. Por quê?”*.

---

<sup>1</sup> PERRONE-MOISÉS, Leyla. “Prefácio” à NUNES, Benedito. *A chave do poético: ensaios*. Org. e apresentação de Victor S. Pinheiro. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 16.

<sup>2</sup> TUPIASSÚ, Amarílís. “Multímota, profuso, inquieto Benedito Nunes”, em: *Asas da Palavra – revista de letras* – Belém: Unama, v. 12, n. 25, 2009, pp. 101-107.

— “Aqui é o meu canto. Eu sou um pouco animal sob esse ponto de vista, gosto da minha toca, da minha concha. E Belém é minha concha existencial, sempre foi. Tem também outro fato: vivo muito acompanhado de livros. Formei minha biblioteca aos poucos, por circunstâncias até certo ponto estranhas à minha vontade. Então, com tantos livros, como é que eu poderia me mudar? Era impensável. Ainda é. Minha biblioteca ocupa cinco salas da minha casa”<sup>3</sup>.

Com estas palavras Benedito Nunes deixa entrever a sua fixação profunda, “animal”, “existencial”, à terra natal<sup>4</sup>. Além disso, ele ratifica uma vez mais sua natureza bibliofílica: “Sou irremediavelmente livresco”, assevera em 1995<sup>5</sup>. De fato, este é um traço constante da sua personalidade: com apenas um ano de idade agarra um livro na mão<sup>6</sup>; aos quatro anos provavelmente já sabe ler e logo pode decifrar “A caçada da onça”, de Monteiro Lobato ou a “Odisséia”, de Homero<sup>7</sup>.

Desde a infância o ato de ler é sinônimo de “viagem”, é “exercício de conhecimento do mundo, de nós mesmos e dos outros”<sup>8</sup>. Relatando a força do primeiro impacto após a leitura da “Odisséia” de Homero, ele fala da sua “precipitação num mundo estranho de nomes ressoando diferentemente dos comuns, de seres

---

<sup>3</sup> “Entrevista de Benedito Nunes”, em: Jornal *O Liberal*, Belém, 17 de abril de 2007.

<sup>4</sup> O sentido do termo “terra natal” avizinha-se ao “*Heimat*” germânico. Esta proximidade das duas expressões oferece sentido ao apego à terra de que fala Benedito. A série de TV “*Heimat*” (1984-2013), dirigida e produzida por Edgar Heitz, propõe boa reflexão sobre este elemento da identidade local germânica. Para uma história do termo, ver: APPLGATE, Celia. *A Nation of Provincials: the German Idea of Heimat*. Berkeley: University of California Press, 1990.

<sup>5</sup> NUNES, Benedito. “Ética e leitura” – Conferência no 10º COLe – Congresso de leitura do Brasil, Campinas, Unicamp, julho, 1995 (republicado em: *Crivo de papel*. 1ª ed., São Paulo: Ática; Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional; Mogi das Cruzes, SP: Universidade de Mogi das Cruzes, 1998, pp. 175-186 e 2ª ed., São Paulo: Edições Loyola, 2014, pp. 151-159).

<sup>6</sup> Esta imagem ficou registrada em fotografia de 1930, onde aparece ao lado da mãe, Maria de Belém. Ver: CHAVES, Lília S. (org.). *O amigo Bené: fazedor de rumos*. Belém: SECULT, 2011, p. 16.

<sup>7</sup> “Um roteiro dos livros de um sábio paraense” (entrevista concedida a Lúcio Flávio Pinto em 26 de maio de 1991), em: NUNES, Benedito. *Do Marajó ao Arquivo: breve panorama da cultura no Pará*. Org. Victor S. Pinheiro, Belém: SECULT; EdUFPA, 2012, p. 221.

<sup>8</sup> NUNES, Benedito. “Ética e leitura”, *op. cit.*, p. 175.

*extraordinários, de imagens mentais pregnantes, duradouras*”<sup>9</sup>. Aqui a Grécia de Homero é a sua primeira “viagem internacional”. Outras viagens se seguirão: as prisões de Omsk (Sibéria) de Dostoiévski, os Sertões de Guimarães Rosa, o Inferno, o Purgatório e o Paraíso de Dante, a Selva de Kipling, o Peloponeso de Tucídides, a Mancha de Cervantes e tantas outras viagens-leituras<sup>10</sup>.

Alimentando as leituras com o magistério e a pesquisa, depois vieram as viagens reais, corpóreas, por assim dizer. À propósito relembra Benedito:

*“Passei vários períodos fora [de Belém]. O primeiro foi por volta de 1960, em Austin, no Texas. Foi a primeira vez que eu passei uma temporada longa fora. Depois estive nos Estados Unidos outras vezes. A última foi em Berkeley, na Califórnia, há três ou quatro atrás. Na França, de tempos em tempos, estive muitas vezes. Na época do regime militar fiquei três anos lá. Depois, já na década de 1980, voltei. Em cada lugar, em cada universidade, foi um ano, um ano e meio, em média. Somando tudo, devo ter passado uns dez anos fora daqui, não mais do que isso”*<sup>11</sup>.

Por que viaja?

*“Faço sempre esse movimento de saída e retorno, porque me confere certo afastamento, sem que os vínculos se quebrem. Não tendo uma radicação extrema ao meio, posso pensar com mais independência e vigor. As viagens me fortalecem”*<sup>12</sup>.

---

<sup>9</sup> “Um roteiro dos livros de um sábio paraense”, *op. cit.*, p. 221.

<sup>10</sup> NUNES, Benedito. “Ética e leitura”, *op. cit.*, p. p. 184; IDEM, *A Rosa o que é de Rosa: literatura e filosofia em Guimarães Rosa*. Org. Victor S. Pinheiro, Rio de Janeiro: Difel, 2013, espec. pp. 87-107; IDEM, *A clave do poético: ensaios*. Org. e apres. de Victor Sales Pinheiro. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, pp. 102 n. 31, 385, 419-422; IDEM, “Diretrizes da Filosofia no Renascimento”, in: MELO FRANCO, A. A. de M. et alii. *O Renascimento*. Rio de Janeiro: Agir, 1978, pp. 1-36.

<sup>11</sup> “Entrevista de Benedito Nunes”, em: Jornal O Liberal, Belém, 17 de abril de 2007.

<sup>12</sup> “Benedito Nunes ensina o caminho de volta” (entrevista concedida a José Castello em 27 de janeiro de 1996), em: NUNES, Benedito. *Do Marajó ao Arquivo: breve panorama da cultura no Pará*. Org. Victor S. Pinheiro, Belém: SECULT; EdUFPA, 2012, p. 230.

## II

Os atos de ler e viajar constituem o seu método: são atos provocadores das descobertas que, por sua vez, fazem nascer novas perguntas e questionamentos. Perguntas simples, que no contexto da leitura ou da viagem parteam ideias complexas. Essa é, eventualmente, a *maiêutica* de Benetido: o seu movimento de auto-reflexão, a sua técnica existencial para a tomada de consciência de si e do mundo. Estes atos de ler e viajar tornam clara e são, por sua vez, clarificados, pela afirmação:

*“(...) o meu interesse intelectual não nasce nem acaba no campo da crítica literária. Amplificado à compreensão das obras de arte, incluindo as literárias, é também extensivo, em conjunto, à interpretação da cultura e à explicação da Natureza. Um interesse tão reflexivo quanto abrangente, é, portanto, mais filosófico do que apenas literário”<sup>13</sup>.*

“*Reflexivo*” e “*abrangente*”: termos que traduzem o sentido do contexto metódico de Benedito e dele são indicativos. Termos que evidenciam dois movimentos: primeiro, voltar-se para dentro de si, ou seja, o movimento “reflexivo”, indicando o mergulho em meditações, o ato de refletir sobre si, a “cogitação”, a busca do *cogito*. Segundo, voltar-se para fora de si, isto é, o movimento “abrangente”, designando, ao mesmo tempo, os limites e o abarcamento de um domínio do conhecimento a ser alcançado.

Seu método de leitura foi curiosamente nascido ao acaso (“Deus ou o Demônio”), como o próprio Benedito explica numa conversa:

— “*O senhor conta que começou a ler sobre fenomenologia por conta própria e que muito de sua formação foi autodidata. Como o senhor se pautava?*”

---

<sup>13</sup> NUNES, Benedito. *A clave do poético*, op. cit., p. 23.

— “Não sei o que me inspirou, se Deus ou o Demônio [risos]. Bem, eu tinha uns caderninhos e todo livro que eu lia e achava importante anotava nesses caderninhos, fazia uma resenha pessoal. Acho que isso surgiu quando os planos de estudar em São Paulo se desfizeram. A carência me deu essa disposição. Eu lia tudo, ia anotando e, ao mesmo tempo, dissipando as dúvidas”<sup>14</sup>.

No entanto, esse método só alcança “conclusão” e acabamento no escritório da Travessa da Estrella, em Belém. Questionado por um jornalista sobre se sentia isolamento relativamente ao resto do Brasil, ele retorque:

“(…) Não me sinto isolado em Belém do Pará simplesmente porque sou um homem que gosta do isolamento. No Pará, tenho muitas relações, muitos amigos, é bom dizer. Mas conservo também, é verdade, a distância e a calma que, para mim, são condições fundamentais para o trabalho intelectual”<sup>15</sup>.

Com a dialética da distância-aproximação, o vai-e-vem, movimento de “saída e retorno” de que fala, as viagens e leituras permitiram a Benedito refundir ou recriar conceitos que manifestam essa amplidão de olhar no horizonte dialógico entre universalismo e localismo: o “*transregional*” de Antônio Candido aplicado à obra de Guimarães Rosa e aproximado à literatura regional amazônica de Benedicto Monteiro; a análise da “*recriação poética da linguagem regional*” aplicada às obras de Dalcídio Jurandir; o “*transnacionalismo*” da poesia de Ruy Barata, Mário Faustino e Max Martins; o “*canibalismo*” literário de Haroldo Maranhão; a “*elevação universal*” dos ensaios sobre temas locais de Eidorfe Moreira. Para citar apenas alguns exemplos<sup>16</sup>.

---

<sup>14</sup> LESSA, Renato; KAPLAN, Sheila. “Benedito Nunes: Amazônico e universal”, em: *Ciência Hoje* – SBPC, Instituto Ciência Hoje, Rio de Janeiro, 2011, n. 280, v. 47, p. 63.

<sup>15</sup> IDEM, *ibidem*.

<sup>16</sup> NUNES, Benedito. *Do Marajó ao Arquivo: breve panorama da cultura no Pará*. Org. Victor S. Pinheiro, Belém: SECULT; EdUFPA, 2012, pp. 237-252 (sobre Ruy Barata), 377-413 (sobre Dalcídio Jurandir, Haroldo Maranhão e Benedicto Monteiro) e 443-446 (sobre Eidorfe Moreira). Acerca do pensamento de Benedito Nunes sobre a Amazônia, ver: GUIMARÃES, Maria S. F. P. *Um olhar atrás da escrita: o pensamento de Benedito Nunes sobre a Amazônia*. Diss. (Mestrado), UFPA/NAEA, Progr. de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido, 2012.

### III

Ao trazermos à memória alguns aspectos da biografia de Benedito Nunes, é possível considerarmos suas atitudes filosóficas e literárias como evocações de duas posturas determinantes em complexa relação: a consciência local e o cosmopolitismo. Estas posturas são frequentemente consideradas opostas. Os advogados de ambas recorrem a lugares-comuns visando opor uma à outra. Por seu lado, os cosmopolitas repelem os localistas como “ilegítimos”: ensimesmados, endogâmicos, predispostos à exclusão e sujeitos ao mito romântico. De outra parte, os localistas refutam os cosmopolitas como “ingênuos”: presos a conjuntos de idéias e prioridades abstratas, se elevando sobre pedestais enganosos, encantados pelo sortilégio da moda, propensos à auto-heroicização.

A combinação de universalismo e localismo é um dos mistérios, senão uma das chaves, da crítica literária e da filosofia de Benedito Nunes. Uma combinação complexa, que foge de toda “ilusão biográfica”<sup>17</sup>. Uma combinação livre da idéia de que história e biografia são dotadas de sentido e qualidades inteligíveis, isentas de qualquer contradição. Uma combinação que percebe a história e a vida como cheias de incoerências, jamais inteiramente consequentes, sempre seguindo trajetórias com muitas voltas.

---

<sup>17</sup> BOUDIEU, Pierre. “L’illusion biographique”, in: *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, 1986, v. 62, n. 62-63, pp. 69-72.